

Diálogos

NORMA SELTZER GOLDSTEIN



Escrevendo *Pastores da noite*, 1964

JORGE AMADO FOI UM HOMEM ATENTO A TUDO que o cercava e um escritor capaz de tecer elos entre sua época e a tradição, assim como entre diferentes linguagens artísticas e formas de comunicação. Sua obra estabelece múltiplos diálogos. Alguns livros remetem a outros, retomando temas, cenários ou personagens. Grande parte faz uma ponte entre ficção e vida real. A maioria remete à tradição popular brasileira, em especial ao cordel. O estudo da ficção amadiana é, portanto, um campo vasto para analisar a **intertextualidade**. Seguem-se alguns exemplos.

Ficção e vida real

O encontro entre vida real e ficção percorre grande parte da obra do autor. Essa fusão permite ao leitor acompanhar diferentes temas tratados na ficção que, direta ou indiretamente, remetem ao mundo em que vivemos. Considerando o entrecruzamento de ficção e vida real como eixo principal dos diálogos amadianos, é possível considerar que dele se desmembram novos diálogos, alguns dos quais comentamos a seguir.

Injustiça social

O capítulo inicial de *Capitães da Areia*, “Cartas à redação”, mescla reportagens e cartas enviadas ao *Jornal da Tarde*, cujo nome talvez seja uma alusão ao jornal *A Tarde* — um dos mais tradicionais da Bahia —, ou ao jornal homônimo que circula em São Paulo, ambos existentes na vida real, assim como o tema dos textos. Diversamente, os personagens do livro — Pedro Bala, Almiro, Sem-Pernas, João Grande — só ganham vida nas páginas do romance. Iniciar dessa forma é um

A INTERTEXTUALIDADE remete ao conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto estabelece com outros. Pode-se supor a presença de um texto em outro, por citação ou alusão. Se o processo ocorrer de forma crítica e irônica, fala-se em paródia.

VEROSSIMILHANÇA. Característica do que é verossímil, do que convence, do que parece verdadeiro. Nas obras literárias, a verossimilhança resulta da construção da obra, de sua coerência ou lógica interna.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA. Ao examinarmos o uso da língua, percebemos variações de diferentes tipos: *histórica ou diacrônica; geográfica ou espacial; social; estilística*. O primeiro exemplifica-se pela diferença entre a linguagem de Camões, do século XVI, e a de Ferreira Gullar, poeta contemporâneo. O segundo, pela comparação entre nossa fala e nossa escrita e aquelas de Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde; ou, ainda, pelo vocabulário e sotaque característicos de diferentes regiões do Brasil ou de Portugal. O terceiro remete ao uso da língua pelos diversos grupos sociais, o que leva a classificar esses usos ora como *cultos*, ora como *populares*; ou remete a usuários da língua com a mesma profissão ou a mesma faixa etária que se utilizam, respectivamente, de um mesmo *jargão* ou de uma mesma *gíria*. O quarto decorre da adequação da linguagem ao contexto em que é utilizada individualmente. Uma mesma pessoa pode usar diferentes estilos, conforme a situação. A escola deve levar em conta os diversos registros da língua, para que o aluno amplie seu leque de opções e se torne capaz de empregar a linguagem adequada a cada situação, da fala e escrita informais à fala e escrita formais.

recurso engenhoso. Acentua a **verossimilhança** da obra, dando ao leitor a impressão da verdade do que se narra. Reportagens e cartas revelam diferentes pontos de vista, conforme sua autoria, como ilustram dois trechos de “Reportagem publicada no *Jornal da Tarde*”:

Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residência. Eram gritos de pessoas terrivelmente assustadas. Armando-se de uma foice o jardineiro penetrou na casa e mal teve tempo de ver vários moleques que, como um bando de demônios (na expressão curiosa de Ramiro), fugiam saltando as janelas, carregados com objetos de valor da sala de jantar.

A OPINIÃO DA INOCÊNCIA

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos [...] e nos disse acerca de sua conversa com o terrível chefe dos Capitães da Areia.

— Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras.

Nesses dois trechos, o leitor percebe que o jornal assume o ponto de vista de Raul, morador da casa assaltada. Não se furta também a repetir a “curiosa expressão” utilizada pelo jardineiro Ramiro: “bando de demônios”. Já outras cartas mencionadas no romance — do chefe de polícia, do juiz de menores, de uma mãe costureira, do diretor do reformatório e do padre José Pedro — discutem se o reformatório recupera os meninos infratores. Os pontos de vista divergem. As autoridades consideram a instituição positiva, a mãe e o padre discordam. Conforme a importância social do remetente, muda a página do jornal em que a carta vem impressa: a das autoridades, nas páginas iniciais,

com comentários; as críticas, nas páginas centrais, sem destaque. Leia passagens das cartas da mãe e do padre:

Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia.

Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos.

Jornal de Salvador
notícia a queima
de livros de
Jorge Amado pela
polícia do Estado
Novo, 1937

A linguagem revela a simplicidade da costureira: emprega “teve” e “pros” em vez das formas “esteve” e “para os”. A escrita do padre é culta, usa termos como “aludido”, “espancamentos”, “desumanos”. E ressalta sua condição religiosa na menção ao “suave mestre”. Essas expressões ilustram o uso da **variação linguística** como forma de caracterizar personagens ao reproduzir o modo de falar do grupo social em que elas vivem.

A transcrição de trechos de cartas no início de *Capitães da Areia* permite introduzir o cenário, marcado pelo contraste social que leva o leitor a simpatizar com os Capitães da Areia, cuja história é contada a partir do capítulo 2. Os meninos, que passam necessidades e sobrevivem de esmolas e furtos, não deixam de ter sonhos, princípios éticos e afetos. Esse lado humano dos personagens envolve o leitor e constitui um traço comum a todos do bando. O autor cria um final bastante democrático: do grupo sai um artista, um padre, um cangaceiro, um líder grevista, um malandro, dentre outros destinos.

Encontramos meninos parecidos em outras obras de Jorge Amado. Em *Jubiabá*, na adolescência, o herói e seus companheiros criam uma estratégia para pedir esmolas, conquistar a simpatia de senhoras e depois furtar-lhes objetos de valor. Em *Bahia de Todos os San-*

Incinerados varios livros considerados propagandistas E O CREDO VERMELHO

Os livros de Jorge Amado e José Lins do Rêgo foram os mais atingidos

Por determinação do Interventor interino, a Comissão de busca e apreensão, incinerou varios livros considerados como propagandistas do credo comunista. Do acto foi lavrado o seguinte termo:

“Nos dezasseis dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e trinta e sete, em frente à Escola de Aprendizagem Maritima, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de busca e apreensão de livros, nomeada por officio numero seis, da então Commissão Executiva do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luiz Liguori Teixeira, segundo tenente intendente naval Helcio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Policia do Estado, foram incinerados por determinação verbal do sr. coronel Antonio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apprehendidos e julgados como sympathizantes do credo comunista, a saber: oitocentos e oitoe, exemplares de Capitães da Areia, duzentos e vinte e tres exemplares de Mar Morto, oitenta e nove exemplares de Cacau, noventa e tres exemplares de Suor, duzentos e sessenta e sete exemplares de Jubiabá, duzentos e quatorze exemplares de País do Carnaval, quinze exemplares de Beldinho, vinte e seis exemplares de Furça, treze exemplares de Bangue, quatro exemplares de Moique Ricardo, quatorze exemplares de Menino de Engenho, vinte e tres exemplares de Educação para a Democracia, seis exemplares de Idolos Tombados, dois exemplares de Ideias, Homens e Factos, vinte e cinco exemplares de Dr. Geraldo, quatro exemplares do Nacional Socialismo Germano, um exemplar de Mística através a Policia.

Tendo a referida ordem verbal sido transmitida a esta Commissão pelo sr. capitão de

Corveta Garcia d’Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque e a incineração sido assistida pelo referido Official, assim se declara para os devidos fins.

Os livros incinerados foram apprehendidos nas Livrarias Editora Bahiana, Catilina e Souza e se achavam em perfeito estado.

Por nada mais haver, lavra-se o presente termo que vai por todos os senhores membros da Commissão assignado, e, por mim, segundo tenente intendente naval Helcio Auler, que servindo de escrivão, dictylographel.

(Assignados):

Luiz Liguori Teixeira, Cap. Presidente.

Helcio Auler, Segundo Tenente Int. N.

Carlos Leal de Sá Pereira”.

Actos do governador da cidade

Prorogado o prazo para o recebimento, sem multa, das contribuições devidas à Prefeitura — Um credito suplementar de mil contos

Foi prorogado pelo prefeito até o dia 31 de dezembro do corrente anno o prazo para o recebimento, sem multa, de todas as impostos, taxas e contribuições outras devidas à Prefeitura.

UM CREDITO SUPPLEMENTAR

O prefeito determinou a abertura da verba de mil contos para credito suplementar.

Remettidos ao T. de Appellação todos os processos trabalhistas

RIO, 17 (A. M.) — Os Juizes

tos, uma espécie de guia de Salvador, o capítulo “Capitães da Areia” apresenta os meninos reais que inspiraram os da ficção:

Os molecotes atrevidos, o olhar vivo, o gesto rápido, a gíria de malandro, os rostos chapados de fome, vos pedirão esmola. Praticam também pequenos furtos. Há quarenta anos escrevi um romance sobre eles. Os que conheci naquela época são hoje homens maduros, malandros do cais, com cachaça e violão, operários de fábrica, ladrões fichados na polícia, mas os Capitães da Areia continuam a existir, enchendo as ruas, dormindo ao léu.

Outro bando vive nas páginas de *Os pastores da noite*. No capítulo 15, o grupo apoia os moradores de uma vila popular na resistência à invasão da polícia para despejá-los de suas moradias:

Montanhas de pedras haviam sido levantadas na noite de sentinela, os meninos se moviam entre elas. Parte deles morava no morro [...] A maioria, porém, viera enfrentar a polícia, solidária. Estava toda a vasta e invencível organização dos Capitães da Areia, sem regulamento escrito, sem diretoria eleita, poderosa e temida. Os meninos de focinho de rato, vestidos de andrajos, chegados dos cantos de ruas mais distantes. As crianças abandonadas da Bahia, universitários da vida obstinada, aprendendo a viver e a rir sobre a miséria e o desespero.

Vicente Ferreira Pastinha (1899-1981), conhecido como **MESTRE PASTINHA**, fundou a primeira escola de capoeira do estilo angola, no Pelourinho. Em linhas gerais, a capoeira angola diferencia-se da regional, difundida por mestre Bimba, por enfatizar o jogo, a brincadeira, por meio de movimentos mais lentos e rasteiros.

IDENTIDADE BAIANA. Entende-se aqui identidade não como uma essência fixa, permanente e hereditária de determinado grupo social ou região, mas uma imagem, uma representação, que vai sendo construída e reconstruída ao longo do tempo.

Figurantes em *Os pastores da noite*, esses Capitães da Areia se aparentam aos do livro homônimo: bravos na luta, solidários, respeitadores de um código de ética “sem regulamento escrito”, pobres e carentes de afeto. A longa luta pela sobrevivência os torna “universitários da vida obstinada”. O leitor percebe que a ficção espelha a realidade e compartilha a simpatia manifestada por seu criador.

Outro aspecto da fusão entre realidade e ficção ocorre nas obras em que pessoas reais tornam-se personagens de romances, como **mestre Pastinha**, capoeirista famoso que vira um dos melhores amigos do protagonista de *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, e Dorival Caymmi, cujos versos embalam o romance *Mar morto*: “É doce morrer no mar/ nas águas verdes do mar”.

Caymmi faz ainda uma ponta em *Dona Flor e seus dois maridos*, tocando em uma serenata que Vadinho faz

para a amada. Aqui o diálogo entre ficção e realidade ocorre a partir da dedicatória a Zélia, aos filhos João e Paloma e também a outras pessoas conhecidas do escritor que “saltam” para dentro da ficção:

Para minha comadre Norma dos Guimarães Sampaio, acidentalmente personagem, cuja presença honra e ilustra estas pálidas letras. Para Beatriz Costa, de quem Vadinho foi sincero admirador. Para Eneida, que teve o privilégio de ouvir o Hino Nacional executado ao fagote pelo dr. Teodoro Madureira. Para Giovanna Bonino, que possui um óleo do pintor José de Dome — retrato de dona Flor adolescente, em ocre e amarelos. Quatro amigas aqui juntas no afeto do autor.



Com mestre
Pastinha,
Salvador, 1961

A comadre Norma se faz presente na obra, enquanto Beatriz e Eneida, conforme a dedicatória, são próximas dos dois maridos de dona Flor, Vadinho e Teodoro. Giovanna, por sua vez, possui um “retrato de dona Flor” antes mesmo de o personagem aparecer. Ao mesmo tempo, na página inicial, a protagonista escreve um bilhete ao autor, como se migrasse da ficção para a vida real:

Caro amigo Jorge Amado, o bolo de puba que eu faço não tem receita, a bem dizer. Tomei explicação com dona Alda, mulher de seu Renato do museu, e aprendi fazendo, quebrando a cabeça até encontrar o ponto. (Não foi amando que aprendi a amar, não foi vivendo que aprendi a viver?) [...]

Esperando ter lhe atendido, seu Jorge, aqui está a receita que nem receita é, apenas um recado. Prove o bolo que vai junto, se gostar mande dizer.

Ao longo do romance, há receitas que funcionam na ficção como no mundo real: dona Flor é professora de culinária, e as receitas que ela ensina às alunas podem ser executadas por qualquer pessoa. As receitas desta e de outras obras do autor foram coletadas por Paloma Jorge Amado e publicadas no livro *A comida baiana de Jorge Amado ou O livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de dona Flor*.

O leitor poderia perguntar por que esse recurso é empregado. Dentre outras respostas, haveria três possíveis. Primeiro, para acentuar a verossimilhança, a impressão de verdade do universo ficcional — de seus fatos, ambientes, personagens. Em segundo lugar, pela intenção de situar esse universo na Bahia, com seus cenários, costumes e valores. Pessoas reais e figuras do romance vivem todas no mesmo contexto: aquele que é marcado pela **identidade baiana** do autor e de sua obra. Em terceiro lugar, pela própria opção estilística de Jorge Amado, que

se definia como um “contador de casos”, um “homem do povo”, um cronista da vida cotidiana da Bahia.

Linguagem e estilo

Em *Tenda dos Milagres* igualmente se apresenta esse jogo entre ficção e realidade. A orelha da segunda edição é assinada pelo poeta e sociólogo Fausto Pena, personagem de ficção. Por vezes, a interpenetração dos dois planos decorre de recursos de estilo, como neste trecho:

A igreja toda azul no meio da tarde, igreja dos escravos [...] É o reflexo do sol ou um laivo de sangue no chão de pedras? Tanto sangue correu sobre essas pedras, tanto gemido de dor subiu para esse céu, tanta súplica e tanta praga ressoaram nas paredes da igreja azul do Rosário dos Pretos.

A descrição apresenta sugestão de impressões sensoriais, evocando diferentes sentidos. A plasticidade de tons do azul, do sol e do sangue associa-se ao som dos gemidos, súplicas e pragas, assim como à impressão tátil do sangue que escorre, evocando a atmosfera histórica da igreja e transpondo-a para o plano da ficção. Ocorre também **paralelismo** ou retomada da mesma organização sintática.

PARALELISMO. Consiste no emprego da mesma organização sintática das frases ou orações que compõem uma passagem, como o final do trecho acima, que retoma a seguinte construção: “tanto [a]”+ substantivo + verbo no pretérito perfeito + indicação de lugar.

Um ABC é um poema popular no qual cada estrofe começa por uma letra do alfabeto. Conta e louva a vida de heróis do povo, cangaceiros valentes, santos, estadistas, escritores. Geralmente é composto em redondilhas — versos de sete sílabas, muito populares por serem simples quanto ao ritmo.

Sugestões de impressões sensoriais reaparecem no capítulo “Gabriela com flores”, de *Gabriela, cravo e canela*:

As flores desabrochavam nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias, margaridas, malmequeres. As pétalas das onze-horas abriam-se por entre a relva, pontuais como o relógio da intendência, salpicando de vermelho o verde da grama. Para as bandas do Malhado, em meio ao mato, nos bosques úmidos do Unhão e da Conquista, explodiam fantásticas orquídeas. Mas o perfume a elevar-se na cidade, a dominá-la, não vinha dos jardins, dos bosques, das tratadas flores, das orquídeas selvagens. Chegava dos armazéns de ensacamento, do cais e das casas exportadoras, era o perfume das amêndoas de cacau seco, tão forte que entontecia os forasteiros, tão habitual que ninguém mais o sentia. Espalhando-se sobre a cidade, o rio e o mar.

Múltiplos odores e cores sugerem o ambiente que cerca a heroína sedutora e perfumada. Complementados pela imagem sonora: “explodiam fantásticas orquídeas”. Uma única indicação olfativa remete ao cacau, “tão forte que entontecia”, ele é o feiticeiro que seduz e prende os que se aproximam. Mais uma vez, sugestões sensoriais acentuam a recriação do ambiente no plano da ficção.

Em *Jorge Amado, um baiano romântico e sensual*, Zélia Gattai, esposa do escritor, acentua esse traço de estilo: “Seus painéis sempre foram mais eróticos e coloridos que os de outros autores realistas brasileiros. [...] O que suas histórias quase sempre realçam é a sensualidade dos trópicos”.

Figuras históricas ou cúmplices?

Jorge Amado acreditava que suas obras influenciariam a realidade do país. Dizia ter aprendido com Castro Alves que, “igual ao rifle, à metralhadora e ao punhal, a poesia é também arma do povo”. A empatia com o poeta romântico levou-o a escrever *ABC de Castro Alves*, biografia romanceada. Levou-o ainda a colocá-lo como personagem em *Tereza Batista cansada de guerra* e na peça teatral *O amor do soldado*, em que a “primeira falação do autor”, no prólogo, anuncia:

Esta companhia e eu resolvemos vos contar hoje a vida de Castro Alves, o poeta. Acreditamos que, nestes tempos dramáticos em que homens de todas as raças lutam pelo direito à liberdade, maior bem dos homens, sem o qual a vida não é digna de ser vivida, o exemplo de Castro Alves, construtor de democracia, merecia ser apontado mais uma vez.

Na cena única do segundo quadro de *O amor do soldado*, aparecem figuras históricas: Castro Alves, Rui Barbosa e Maciel Pinheiro. Ajudados por um estudante, os abolicionistas conseguem tornar livre o velho Manuel, que fica muito grato, como ilustra o diálogo:

CASTRO ALVES: Agora vai, Manuel. Mas antes dá-me um abraço.

MANUEL: Eu, negro véio, abraçar vosmicê?

CASTRO ALVES: E por que não? Somos todos iguais, temos os mesmos direitos... Vamos...

(*abraça o negro velho, que limpa as lágrimas com as costas da mão*)

Sendo leitor do poeta romântico, Jorge Amado conhecia suas ideias. O poema abolicionista — a ser declamado na passeata — tem o tom inflamado, em defesa do continente africano, a quem dá voz. Leia três de suas dezenove estrofes:

*Deus! Ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes?*

Embuçado nos céus?

*Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...*

Onde estás, Senhor Deus?...

[...]

Cristo! embalde morreste sobre um monte...

Teu sangue não lavou de minha fronte

A mancha original.

Ainda hoje são, por fado adverso,

Meus filhos — alimária do universo,

Eu — pasto universal...

[...]

Basta, Senhor! De teu potente braço

Role através dos astros e do espaço

Perdão p'ra os crimes meus!...

Há dois mil anos... eu soluço um grito...

Escuta o brado meu lá no infinito...

Meu Deus! Senhor, meu Deus!...



O poeta Castro Alves
(1847-71)

O tom oratório se apoia em repetições, hipérboles — culto do exagero —, uso farto de pontos de exclamação, sonoridade e ritmo marcados. Esses recursos, assim como o tom eloquente, eram bem-aceitos pelos que ouviam **Castro Alves** declamar seus versos do camarote em que assistia às representações teatrais. Tanto ele quanto Tobias Barreto diziam poemas em homenagem às atrizes que atuavam no palco.

Segundo Antonio Candido, enquanto outros poetas românticos brasileiros viam

a desarmonia como fruto das lutas interiores, ele a vê sobretudo como resultante de lutas externas: do homem contra a sociedade; do oprimido contra o opressor — outra maneira de sentir o conflito caro aos românticos, entre bem e mal. A dialética da sua poesia implica menos a visão do escravo (ou do oprimido em geral) como realidade presente do que como episódio de um drama mais amplo e abstrato: o do próprio destino humano, em presa aos desajustamentos da história.

Não é difícil perceber as razões do diálogo. Como Castro Alves, Jorge Amado também recria o tema dos “desajustamentos da história”.

Valorização da cultura popular

Outra forma de intertextualidade cara a Jorge Amado é a referência à literatura de cordel. Mark J. Curran considera *Tereza Batista cansada de guerra* um romance de “cordel em prosa”. Em *Tenda dos Milagres*, um dos cenários principais é a tipografia do Pelourinho, onde se imprimem folhetos de cordel e se reúnem seus criadores e apreciadores. O diálogo com o cordel transparece em longas epígrafes e subtítulos, como o que anuncia o segundo episódio de *Os velhos marinheiros*:

Fiel e completa reprodução da narrativa de Chico Pacheco, apresentando substancial quadro dos costumes e da vida da cidade de Salvador nos começos do século, com ilustres figuras do governo e ricos comerciantes, enjoadas donzelas e excelentes raparigas

Também em *Gabriela, cravo e canela*, o cordel ecoa no ritmo de passagens em prosa poética:

A vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, tomar banho frio. Mastigar as goiabas, comer manga espada, pimenta morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço dormir. Com outro moço sonhar.

Note-se o ritmo dos versos de cinco sílabas:

A vi da e ra bo a
Bas ta va vi ver
Quen tar se ao sol
To mar ba nbo fri o

E também as rimas:

nas ruas andar
cantigas cantar
com um moço dormir
com outro moço sonhar.

ANTONIO FREDERICO DE CASTRO ALVES nasceu em Currálinho, hoje Castro Alves, na Bahia, em 1847, e morreu em Salvador, em 1871. Foi líder abolicionista, ao lado de Tobias Barreto. Um acidente de caça, em São Paulo, feriu-lhe o pé e trouxe complicações que o levaram à morte. Publicou *Espumas flutuantes*, *Os escravos*, *A cachoeira de Paulo Afonso*. Foi apaixonado pela atriz Eugênia Câmara, para quem escreveu a peça teatral *Gonzaga ou a Revolução de Minas*.

Por vezes, Jorge Amado insere versos nas narrativas, como a “Cantiga para ninar Malvina”, em *Gabriela, cravo e canela*:

Dorme, menina dormida
teu lindo sonho a sonhar.

*No teu leito adormecida
partirás a navegar.*

[...]

*Meu marido, meu senhor
na minha vida a mandar.
A mandar na minha roupa
no meu perfume a mandar.
A mandar no meu desejo
no meu dormir a mandar.
A mandar nesse meu corpo
nessa minh'alma a mandar.
Direito meu a chorar.
Direito dele a matar.*

Os versos de sete sílabas, ou redondilhas maiores, são frequentes em nossa poesia popular. Aqui, apoiam-se na repetição e no paralelismo, criando o efeito melódico de acalanto, anunciado no título.

Há diálogos e mais diálogos a serem descobertos pelo leitor de Jorge Amado. Basta ler sua obra e buscar pistas.



Xilogravura de Calasans Neto
inspirada em *Tereza Batista
cansada de guerra*, 1972

LEITURAS SUGERIDAS

MENINO DE ENGENHO, de José Lins do Rego. Paralelo entre dois tipos de infância, a de uma família abastada e a de meninos de rua como os Capitães da Areia.

“A TERRA DOS MENINOS PELADOS”, em *Alexandre e outros heróis*, de Graciliano Ramos. Comparar dois tipos de exclusão, a decorrente de característica física, na novela, e a provocada por condições sociais, como na obra de Jorge Amado.

HORA DA GUERRA, livro de crônicas de Jorge Amado, antologia de textos publicados em jornal no período da Segunda Guerra Mundial. Verificar as preocupações sociais do cronista e compará-las com as do ficcionista.

PAULICEIA DESVAIRADA, de Mário de Andrade, em que a cidade de São Paulo transcende o papel de simples cenário. Comparar essa presença da cidade à da cidade de Salvador nos romances amadianos.

VOSSA INSOLÊNCIA, crônicas de Olavo Bilac. Deter-se particularmente nas que mapeiam nossas mazelas políticas e apontam indícios de injustiça social, décadas antes de essa temática ser tratada por Jorge Amado.

ATIVIDADES DE LINGUAGEM

ARGUMENTAÇÃO

O primeiro capítulo de *Capitães da Areia* traz cartas de leitores enviadas ao *Jornal da Tarde*.

Carta de leitor é um gênero de texto que apresenta a estrutura comum a outros tipos de cartas — destinatário, remetente, data, uma sequência dialogal, interativa etc. A especificidade do gênero — carta de leitor — está em sua finalidade, tipo de interlocutor previsto e presença de argumentação.

Quanto ao destinatário, trata-se de pessoa ou instituição por quem o locutor do texto foi lesado. No caso de o encaminhamento da carta ter sido feito a um jornal, os destinatários passam a ser também todos os leitores desse jornal. A intenção do locutor é tornar pública a reclamação, de modo a fazer pressão sobre a instituição ou pessoa que o lesou. Os jornais mantêm espaço para esse tipo de publicação por uma questão de responsabilidade social.

Quanto à argumentação, o locutor usa argumentos com a finalidade de convencer o outro do seu ponto de vista. Ele recorre, por exemplo, à citação de alguma autoridade ou especialista que confirme sua tese. Trata-se do que denominamos argumento de autoridade.

No escritor, há que existir certa dose de itinerância, anotou, três décadas atrás, Elias Canetti:

Eu vejo a verdadeira vocação do escritor em sua atividade ininterrupta, em seu contato compulsório com pessoas dos mais diferentes tipos — acima de tudo, e especialmente com pessoas que menos atenção despertam — no incansável dessa atividade que não se deixa mutilar ou atrofiar por nenhum sistema.

Pode, ainda, lançar mão de um argumento baseado no consenso, como faz Gilberto Dimenstein neste artigo:

Quando se mantém o jovem na escola, além de tirá-lo da rua e reduzir o risco de envolvimento com a violência, pode-se apostar (pelo menos apostar) que ele tenha menos dificuldade de obter um emprego.

Ou em provas, dados concretos, como neste artigo da revista *Época*:

Algumas atitudes individuais ou coletivas já estão sendo tomadas frente à constatação do aquecimento global. Alguns bancos enviam suas correspondências em papel reciclado. O mesmo faz o governo federal ao emitir os cheques dos servidores. Na cidade de São Paulo, existe a obrigatoriedade de neutralizar a emissão de carbono nos shows. [...] Não seria o caso de termos edições de jornais e revistas feitas integralmente em papel reciclado?

Os alunos podem, em grupo, identificar argumentos em cartas de leitor, promover debates em sala de aula e redigir texto argumentativo. Para isso, propor:

a) leitura de trecho da carta de uma mãe, endereçada ao *Jornal da Tarde*, apresentada no capítulo inicial de *Capitães da Areia*.

Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia.

Observar nessa passagem:

- tese: as crianças, os jovens são maltratados no reformatório;
- argumento baseado em prova concreta: Alonso apanhava duas a três vezes ao dia;
- vocabulário selecionado a favor da tese: “filhos de pobre”; “guardas sem alma”; “desgraça”;
- recurso linguístico para reforçar o peso do argumento: “o menos que acontece...”

b) leitura de trecho da carta do padre — que reforça o ponto de vista da mãe.

Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos.

c) completar o quadro com as informações da carta do padre.

Tese	
Argumento de autoridade	
Argumento baseado em provas concretas	
Vocabulário empregado a favor da tese	

d) leitura de um trecho da carta do diretor do reformatório à redação do *Jornal da Tarde*.

Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. [...] Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o reformatório. Mas, como já disse, sr. diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento.

e) destacar do trecho os contra-argumentos do diretor do reformatório às acusações de dona Ricardina.

f) discutir em grupo a seguinte questão: o castigo físico pode educar os jovens infratores que são recolhidos às instituições do Estado?

g) organizar os argumentos apresentados pelos elementos do grupo, completando o quadro a seguir:

Argumentos a favor do castigo físico como estratégia de educação dos jovens infratores	Argumentos contra o castigo físico como estratégia de educação dos jovens infratores

h) escrever um pequeno texto defendendo a posição do grupo diante da questão: o castigo físico pode educar os jovens infratores que são recolhidos às instituições do Estado? Utilizar pelo menos dois argumentos para defender sua posição.

OUTRAS ATIVIDADES

✓ Pedir que os alunos comparem os textos de “Cartas à redação”, capítulo inicial de *Capitães da Areia*, e verifiquem o registro de linguagem, identificando se é coloquial ou culto. Solicitar que observem o espaço reservado a cada texto pelo jornal, o ponto de vista de quem escreve e o motivo pelo qual o autor do texto defende essa posição.

✓ Sugerir que escolham um personagem de *Capitães da Areia* e analisem sua evolução do início ao final, verificando como ela ocorre, avaliando se o destino final é coerente com o desenrolar da história.

✓ Pedir que os alunos leiam o trecho de *Gabriela, cravo e canela* em que a protagonista liberta o pássaro da gaiola, apontando elementos que contribuem para marcar o ritmo poético:

Foi pro quintal, abriu a gaiola em frente à goiabeira. O gato dormia. Voou o sofrê, num galho pousou, para ela cantou. Que trinado mais claro e mais alegre! Gabriela sorriu. O gato acordou.

✓ Indicar a leitura de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, para estabelecer paralelos entre o modo como é retratada a infância nesta obra e em *Capitães da Areia*. Comparar os seguintes aspectos: meio social; condições de moradia; laços afetivos com o mundo adulto; modo de vida; relacionamento com outros personagens da mesma idade.

✓ Propor a pesquisa de matérias jornalísticas atuais sobre o desrespeito à infância. Ler e debater esses textos e, em seguida, organizar um debate regrado — com escolha

de um mediador e dos grupos que defenderão posições opostas: um deles apontará a melhora desse problema, de meados do século xx até o presente; o outro sustentará que pouca coisa se alterou. Para defender os respectivos pontos de vista, cada um dos grupos deverá apoiar-se em citação dos textos jornalísticos e/ou do romance *Capitães da Areia*.

